

DATIFICAÇÃO DO SANGUE MENSTRUAL: USO DE APLICATIVOS MENSTRUAIS E A BIOPOLÍTICA DE SI

Mariana Lima de Sousa¹; José Airton Rolim Neto²

Resumo: Com o avanço das tecnologias tem surgido inúmeras ferramentas que utilizam de discursos feministas, como o autoconhecimento para obter lucro, como é o caso da mercantilização da menstruação. Dentre essas tecnologias estão os *menstruapps*, que aplicativos de monitoração do ciclo menstrual com o objetivo de "não ser pega de surpresa", se apoderando do estigma que envolve o tema da menstruação utilizando o medo do vazamento como uma necessidade para o uso dos aplicativos. O que se problematiza no presente trabalho é a mercantilização da menstruação, bem como a falta de privacidade com os dados, a falta de transparência quanto a tratativa destes e como esses aplicativos acabam sendo uma biopolítica de si, a partir da imagem de corpos que precisam ser controlados e vigiados. A partir disso, adotando a vertente decolonial, o trabalho apresenta como resultado um horizonte positivo proveniente dos ativismos do Sul que desenvolvem uma tecnopolítica de resistência frente a noções colonizadoras do Norte.

Palavras-chave: Femtech, Menstruapps, Biopolítica, Capitalismo de Vigilância.

1 Introdução:

Um dos destaques mais notáveis presente nessa era pós-moderna é a relação entre o homem e a máquina. A partir dessa conjunção existe uma confusão entre a ciência e política, entre a tecnologia e a sociedade, entre a natureza e a cultura (Tadeu, 2025). A partir da falsa ideia de liberdade que essa era de tecnologias vem trazendo, existe o depósito ainda maior de dados, o que se configura diametralmente oposto a vigilância do panóptico (Han, 2022).

Quanto mais acesso a dados, mais poder se tem dito isso, o capitalismo de vigilância tende a se favorecer de campanhas que de alguma forma promovam um ideal de liberdade. Como exemplo, os *menstruapps* entram em cena como um mecanismo de controle do ciclo menstrual, os usuários acabam depositando diversos dados para além, apenas, do controle do fluxo, como dados em relação ao sono, humor, níveis de dor e atividade sexual (Hazard, 2023).

¹ Universidade Federal da Paraíba, Mariana_lima15@outlook.com

² Universidade Regional do Cariri, Airton_rn@outlook.com

O debate traçado nessa perspectiva é problematizar como esses dados são manejados e para que fim, quando em muitos aplicativos é constatada falha em sua política de privacidade. Mesmo que tragam a imagem de aplicativos inofensivos e apenas de controle do ciclo menstrual, as empresas acabam gerando lucro em cima de um tema que é rodeado de tabus, o que torna seu uso como uma biopolítica de si.

A partir disso, adotando uma vertente decolonial que busca trazer a perspectiva de ativistas do Sul Global, o uso de aplicativos menstruais é problematizado pela falta de informações quanto ao manejo dos dados, bem como apresenta movimentos representados por espaços de resistência frente as políticas colonizadoras do Norte.

2 Objetivo

Problematizar a partir da ótica neoliberal como a menstruação passa a ser vendida como um produto por meio do uso de *menstruapps*, entretanto, analisar como esses aplicativos se apresentam como uma falsa ideia de empoderamento e controle dos seus ciclos quando em muitos casos não se tem conhecimento de onde e para que os dados armazenados são utilizados, e acabam funcionando como uma biopolítica de si sobre os corpos menstruantes

3 Metodologia:

Para alcançar o presente objetivo, o trabalho adota um método descritivo, trata-se de uma pesquisa qualitativa, e utiliza a revisão bibliográfica a partir do uso de escritos sobre o tema, através da pesquisa em bancos de dados como o Scielo, Periódico da CAPES e o Google Acadêmico.

4 Fundamentação

O significado do sangue menstrual tem sido modificado com o passar do tempo, segundo Levi Strauss a atribuição do significado cultural da menstrual é justificado muitas vezes para a manutenção do *status quo* (Sardenberg, 1994). Atualmente o tema do ciclo menstrual ainda é visto como algo incomodo, como algo vergonhoso e que deve ser escondido ou suprimido.

Segundo a visão cientificista, o sangue menstrual é visto como um desperdício, já que a sexualidade feminina é controlada e sua função é apenas a reprodução, dessa forma, a supressão da menstruação é entendida como algo que deve ser desejado. Segundo

ginecologista baiano, Elsimar Coutinho, a menstruação seria a “sangria inútil”, devendo esta ser suprimida (Ferraz; Grangeiro, 2023).

Para além da supressão do sangue menstrual com uso de pílulas anticoncepcionais, é também desenvolvido os aplicativos menstruais como uma forma de prever e não ser surpreendida pela por uma menstruação inesperada. Os aplicativos menstruais entram em cena na crescente necessidade de produção capitalista, que exige o mesmo nível de produção entre homens e mulheres (Hazard, 2023).

O potencial econômico desses aplicativos é colocado pelo professor Alnoor Bhimani, da London School of Economics, pela capacidade de higienização que a quantificação dos dados traz. A partir da incorporação do estigma menstrual do sangue menstrual como um componente sujo, a quantificação dos dados teria o poder de higienizar o objeto (Hazard, 2023).

Um dos mais populares aplicativo menstrual é o Clue, segundo estudos este aplicativo possui alguns diferenciais, como é o caso de não presumir a cisgeneridade dos sujeitos, já que a menstruação engloba mulheres cis, mas também os homens trans, pessoas não binárias e intersexuais. Outro ponto é que o aplicativo apresenta uma bibliográfica científica e conta com médicos profissionais (Baumgarten, 2022).

Entretanto, o ponto em destaque é que o Clue possui uma política de repassar os dados por colaboração para algumas universidades, como Stanford, Columbia, Indiana, entre outras, porém, a explicação de quais pesquisadores são responsáveis por receber esses dados ou para quais pesquisas esses dados são destinados é feito de forma extremamente genérica (Baumgarten, 2022).

Outros problemas foram constatados pela organização inglesa Privacy International em 2016, que constatou que o Clue possuía algumas fragilidades nas políticas de privacidade, informações sobre os cookies durante o uso do aplicativo e a contradição da sua interface apresentar mensagens de que o aplicativo não ganha dinheiro com os dados da usuária. A ceo do Clue, Ida Tin, cunhou o termo de *femtech*, que diz respeito a empresas que associam alta tecnologia e as questões das mulheres (Baumgarten, 2022).

A contradição quanto a questão financeira se dá pelo mercado da *femtech* possuir atualmente uma projeção de mobilizar até 50 bilhões de dólares até 2025, o que seria vinte

e cinco vezes maior do que o valor dos absorventes e pílulas anticoncepcionais mobilizaram com o fenômeno do *femcare* (Baumgarten, 2022).

É imperioso mencionar, que assim como os absorventes, os aplicativos também são destinados a uma camada específica da sociedade. A entrada dos produtos menstruais nos Estados Unidos foi pensada pra uma classe média escolarizada, já que nesse contexto a educação foi fundamental para elaborar a noção de higiene e medicalização dos corpos (Baumgarten, 2022).

A entrada dos produtos menstruais no Brasil em 1930, fez com que a Johnson & Johnson precisasse estimular as consumidoras, ou seja, mulheres de classe média e alta de que aquilo era essencial. A justificativa era abandonar a forma antiga de menstruar e abraçar a forma da mulher moderna de menstruar, ou seja, aquela que sangra em silêncio e sem manchas

Essa necessidade de menstruar em silêncio e não ser pega de surpresa por uma menstruação, diz respeito a mulher ter ganhado mais espaço no mercado de trabalho, em postos que anteriormente eram ocupados por homens, tendo mais poder aquisitivo, sendo mais escolarizadas e, por conseguinte, mais críticas. A partir disso, o foco publicitário, dada a entrada da mulher em mais espaços foi o de meios de controlar e vigiar o ciclo menstrual como um autoconhecimento

Outro ponto é que os dados são cada vez mais precisos de acordo com a quantidade de informações que são depositadas, ou seja, uma usuária que coloque todos os dados sobre seu ciclo menstrual, relações sexuais, e demais dados receberá muito mais dados e mais precisos que a usuária que utilizar esporadicamente o aplicativo (Hazard, 2023).

Dentro dos dados que podem ser inseridos existe uma gama de possibilidades, como duração da menstruação, fluxo, quais dias houve relações sexuais, se caso as tenha se foi atingido o orgasmo, dores, práticas de esporte, humor, horas de sono, sociabilidade, atenção nas atividades cotidianas, alterações no peso, cabelo e pele (Baumgarten, 2022).

Os discursos desses aplicativos de monitoração se ancoram na retificação do corpo que menstrua como um corpo cíclico e instável e que precisa ser controlado, um corpo destinado apenas para a gestação. A partir dessas ideias, constrói-se a necessidade de que o corpo menstruante precisa ser monitorado e controlado (Palleta; Nucci; Manica, 2020).

A questão levantada a partir do uso indiscriminado de dados é para além do que já foi discutido, a capacidade do aplicativo ficar “inteligente”. O impacto da transformação desses aplicativos em mais inteligentes levanta as questões éticas, como é o caso nos Estados Unidos em que os aplicativos não precisam seguir uma norma abrangente de privacidade, por consequência, diversas são o compartilhamento dos dados sem o consentimento das usuárias (Hazard, 2023).

A partir da perspectiva decolonial é possível perceber como as políticas neoliberais acabam por se apropriar de conceitos do feminismo civilizatório para propagar o consumo, como é o caso de conceitos como confiança, independência e autodeterminação feminina como forma de reforçar o consumo (Vergès, 2020). Outro conceito usado é o da autovigilância, atrelando ao autoconhecimento, por meio de um discurso amigável e se alinhando ao feminismo (Baumgarten, 2022).

Dentro da análise de imagens presentes no aplicativo Clue é possível perceber uma imagem de um útero repleto de itens no seu interior, dentro dele é possível perceber um cabo USB e uma engrenagem que ligam ao capitalismo industrial, ao capitalismo de sistema de informações digitais, é possível perceber cédula de dinheiro, balança e uma calculadora. A partir dessas descrições é possível perceber o quanto o útero é um alvo de disputas e processos naturais tem sido convertido em métricas financeiras (Baumgarten, 2022).

Para além das presentes ideias corroborarem com o conceito de biopolítica, ou seja, a gestão dos corpos, e que esta gestão tem acontecido para fins econômicos se apropriando de um discurso sobre liberdade. Ao passo que para o feminismo, conhecer a si e seu corpo e seu ciclo menstrual é uma forma de romper com a norma farmacológica de suprimir a menstruação ou utilizar meios sem ter conhecimento dos efeitos, o capitalismo se apossa desse autoconhecimento por meio da autovigilância, necessidade de observar a menstruação como uma forma de depositar dados em aplicativos de monitoração (Baumgarten, 2022).

A partir do viés decolonial, pensadoras do Sul Global tecem uma tecnopolítica de resistência. Encabeçada por Carolina Ramirez, que funda o projeto Princesas Menstruantes que fornece formação para educadoras menstruais, assessoria familiar, realiza oficinas e produz materiais didáticos, como é o caso de releituras dos contos de fadas com as princesas passando pelo seu ciclo menstrual (Pelúcio, 2022).

A partir desse movimento, surge o Escuela de Educacion Menstrual Emancipadas que realiza práticas pedagógicas e ativistas por meio de uma perspectiva emancipatória. As ativistas criticam a mercantilização da menstruação a partir da ótica do produtivismo dos corpos pela exploração do trabalho, o que faz com que se tenha essa necessidade de vigilância sobre a menstruação, ou até mesmo a sua supressão (Pelúcio, 2022).

As ativistas menstruais tecem uma crítica ao complexo industrial-higiênico-farmacológico ao produtivismo e a exploração. O ativismo menstrual decolonial visa que os corpos menstruantes tenham acesso amplo ao conhecimento, entender seu corpo para fazer as escolhas conscientes atendendo melhor cada corpo (Prado, 2024). Para Donna Haraway (2025) a libertação depende da construção da consciência da opressão.

5 Conclusões

A crítica desenhada diz respeito ao uso de discursos feministas de empoderamento a favor de mecanismo capitalistas para gerar lucro. O uso do autoconhecimento para a autovigilância acarreta na necessidade de vigiar a menstruação a fim de não ser surpreendida por esta.

A partir da incorporação da visão farmacológica do corpo, a medicalização do corpo feminino e o estigma presente na menstruação, o *femtech* se apropria de mecanismos para trazer uma ideia de necessidade em vigiar seu ciclo sem, entretanto, garantir a segurança desses dados.

Diante disso, levando em conta a perspectiva decolonial, pensadoras do Sul Global tem desenvolvido uma contracultura no que diz respeito ao autoconhecimento, procurando o conhecimento como forma de empoderar os indivíduos a fim de fazer decisões sobre seu corpo com segurança e sabendo as opções possíveis.

6 Referências

BAUMGARTEN, Nicole Cristine. Menstruapps: da datificação de sujeitos menstruantes à biopolítica de si. **Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, v. 5, n. 5, 2022.

BAUMGARTEN, Nicole Cristine. **Dataficando a menstruação: uma etnografia com um aplicativo de monitoramento do ciclo menstrual**. 2024. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FERRAZ, Jade Luiza Andrade; GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. A sangria inútil: uma análise do discurso médico sobre menstruação na obra do Dr. Elsimar

Coutinho. **DISCURSIVIDADES**, vol. 12, n ° 1, março de 2023, p. e1212307. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.29327/256399.12.1-5>.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAZARD, Leah. **Útero: a história íntima de onde tudo começou**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX**. In. Antropologia do ciborgue: as vertigens do humano. Donna Haraway, Hari Kunzru, Tomaz Tadeu (orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

PALETTA, G. C.; NUCCI, M. F.; MANICA, D. T. Aplicativos de monitoramento do ciclo menstrual e da gravidez: corpo, gênero, saúde e tecnologias da informação. **Cadernos Pagu**, v. 59, p. e205908, 2020.

PELÚCIO, Larissa Maués. O Sangue na rede: mercado menstrual, menstruapps e tecnopolíticas de resistências. **Política & Sociedade**, v. 21, n. 51, p. 95-118, 2022.

PRADO, Isabel Cristina de Almeida. Políticas Públicas sobre a Saúde Menstrual no Brasil: Olhares pelas Lentes dos Movimentos Sociais da Menstruação. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, março de 2024, p. 1–17. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2024v29n1e49150>.

TADEU, Tomaz. **Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano**. In. Antropologia do ciborgue: as vertigens do humano. Donna Haraway, Hari Kunzru, Tomaz Tadeu (orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.